

Do Caranguejo Ao Rato: mutações na música pernambucana¹

Mário A. O. M. ROLIM²

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

Este ensaio visa discutir, de maneira especulativa, possíveis razões para o que estou identificando como uma transição no animal-símbolo da música pop pernambucana, do caranguejo (ligado ao manguebeat dos anos 1990) para o rato (conectado ao brega funk contemporâneo). Para implementar esse debate, serão levados em considerações não só questões musicais ou estéticas, mas também fatores sociais e ambientais que envolvem o Grande Recife, como a desigualdade social, a degradação dos manguezais e o aumento do protagonismo das periferias na música pernambucana a partir da ascensão do brega. O problema que norteia o ensaio é: o que motiva, no brega funk, essa associação positiva com o rato, um animal atrelado a doenças e sujeira? Para esboçar respostas, serão mobilizados elementos da Antropologia, da Filosofia, dos Estudos de Performance, dos Estudos de Dança e da Comunicação.

Palavra-chave: estética; política; brega funk; manguebeat; audiovisual em rede.

Resumo Expandido

Quando se fala em música pop pernambucana, muitos remetem ao manguebeat, movimento contracultural surgido na década de 1990 em Recife e que teve como protagonistas as bandas Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A (TELES, 2019). Em geral, os artistas de manguebeat se caracterizaram pela fusão de gêneros como rock, rap, funk e dub com expressões da cultura popular pernambucana, como maracatu, coco e embolada; e por pautar a brutal desigualdade social existente na cidade. Após ter começado no *underground* recifense e adquirido fama (inter)nacional, o manguebeat tem sido tratado com reverência pelo Estado nos últimos anos.

Nessas homenagens, as figuras mais recorrentes são Chico Science, astro maior do manguebeat e que faleceu precocemente em 1997, e o *caranguejo*. Essa associação tem razão de ser. Basta lembrar do manifesto “Caranguejos com cérebro” de Fred 04, da Mundo Livre S/A, com sua imagem-símbolo de uma antena parabólica enfiada na lama do mangue; do caranguejo pixelado na capa do disco “Da Lama Ao Caos” (1994), da Chico Science & Nação Zumbi; da inspiração de Chico Science no romance “Homens e

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pós-doutorando com bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe), sob supervisão do professor Thiago Soares (PPGCOM-UFPE). E-mail: marioaugusto199301@gmail.com.

caranguejos” (1967), do geógrafo recifense Josué de Castro; da menção às espécies aratu e chié na letra da canção “Da Lama Ao Caos”; e de alguns gestos de Chico Science que remetem a caranguejos nos videocliques de “A Cidade” e “Maracatu Atômico”.

Isto posto, em paralelo à relativa perda de vivacidade da cena de manguebeat em Recife, nos anos 2000, foi crescendo outra expressão cultural, desta vez com protagonismo ainda maior de moradores de periferia: o brega pernambucano, em suas distintas vertentes: o brega de seresta, o brega romântico e o brega funk (SOARES, 2017). Atualmente, o brega é o gênero mais ouvido da cidade, com 35% das pessoas se declarando ouvintes, mais do que em qualquer outra capital brasileira³.

No brega funk dos últimos anos, em especial, temos notado uma crescente alusão a outro animal: o *rato*, que aparece na letra de várias canções do gênero, e, frequentemente, no perfil do Instagram @bregabregoso, um dos maiores circuladores de conteúdo em torno do brega pernambucano. Em grande parte de suas compilações semanais de conteúdos (o famoso #sextou) há pelo menos um vídeo de alguém (ou algumas pessoas) no “modo ratão”. Em geral, são vídeos de homens ouvindo, dançando e/ou cantando diferentes estilos de brega, e fazendo gestos como descer até o chão com movimentos pendulares de quadril, rebolar, “quicar” como se faz no “passinho dos maloka⁴”, ou virar seus copos de uísque ou latas de cerveja. Outros elementos recorrentes envolvem figurino (sandálias, cabelo descolorido, shorts de tacetel, óculos no modelo Juliet, roupas da marca Cyclone) e cenário (ruas e ladeiras aparentemente de bairros periféricos da Região Metropolitana do Recife).

Mas por que essa transição do caranguejo para o rato?

Por uma perspectiva ecológica, seria possível apontar como fatores o aterramento, alagamento e degradação dos manguezais por conta da expansão urbana desenfreada; a proliferação de ratos por conta das falhas nos sistemas de esgoto e de coleta de lixo da cidade; e a extrema desigualdade social no Recife, onde 31,4% dos habitantes vive abaixo da linha da pobreza. Mesmo assim, a dúvida prossegue: o que motiva essa positividade do rato, um animal geralmente atrelado a doenças e sujeira?

Pretendo debater essas questões em diálogo com a Antropologia, especialmente a Antropologia da Arte (GELL, 2018; DESCOLA, 2023); os Estudos de Performance, onde

³ Disponível em: < <https://culturanas capitais.com.br/wp-content/uploads/2025/04/Capitais—Recife.pdf> >. Acesso em: 5 jun. 2025.

⁴ Disponível em: < <https://volumemorto.com.br/shevchenko-eloco-fazem-o-som-e-o-estilo-do-bregafunk/> >. Acesso em: 5 jun. 2025.

autoras como Leda Maria Martins (2021, p. 67) consideram que “as performances incorporam e ilustram valores, e são um modo de apreensão e interpretação do mundo”; a filosofia de Deleuze e Guattari (2011), e mais especificamente seu conceito de devir-animal; os Estudos da Dança, para quem o gesto, a postura, “a relação ao peso, à gravidade, já contém um humor, um projeto sobre o mundo” (GODARD, 2003, p. 13); e a análise de audiovisual em rede, como proposta por Juliana Guttmann (2021).

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DESCOLA, Phillipe. **As Formas Do Visível: uma antropologia da figuração**. São Paulo: Editora 34, 2023.

GODARD, Hubert. “Gesto e Percepção”. In: Soter, Silvia e PEREIRA, Roberto (org.). **Lições de Dança 3**. Rio de Janeiro: UniverCidadeEditora, 2003. Cap. 1, p. 11-35.

GUTTMANN, Juliana. **Audiovisual Em Rede: derivas conceituais**. 1. ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances Do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SOARES, Thiago. **Ninguém É Perfeito E A Vida É Assim: a música brega em Pernambuco**. 1. ed. Recife: Outros Críticos, 2017.

TELES, José. **Da Lama Ao Caos: que som é esse que vem de Pernambuco?**. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.